

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 216/2012

CRISE NO MERCOSUL

Depois de tanta boataria e falsificação da nossa mídia, inimiga do MERCOSUL, finalmente parece que agora, sim, a nossa integração do Cone Sul está em crise. E o sintoma mais grave não é, a meu juízo, o caso do Paraguai, mas a demissão do Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães. Deixou o cargo de supervisor maior alegando falta de apoio dos governos para as medidas que propunha com vistas à consolidação da Instituição. Grave, porque não se trata de nenhum jovem impaciente mas de um homem maduro, lúcido, experiente e absolutamente dedicado ao aprofundamento e à ampliação da integração almejada com a criação do Mercosul.

No Paraguai, o que aconteceu foi, evidentemente, um golpe, não militar mas civil, usando os poderes legislativo e judiciário para dar uma feição “legal”, tal como foi feito há não muito tempo, em Honduras, com o Presidente Zelaya. Não há hipótese de legitimidade democrática num processo de impeachment feito em vinte e quatro horas! Ora, que rito mais sumário; que cinismo.

Era um governo extremamente frágil, é verdade, com um Presidente de mãos atadas que tinha menos de 5% de apoio entre os representantes do Congresso (oh, eu já passei por isso, na Prefeitura, quando rompi com o PDT, sei o que é). Lugo não tentou negociar: a negociação certamente resultaria numa pulverização esfarinhadora do seu governo. Mas talvez não precisasse vetar, como fez em maio último, uma dotação bilionária de recursos públicos para o Fundo Partidário, isto é, para os partidos tradicionais que controlam completamente o Congresso. Enfim tinha o apoio popular mas talvez não tenha tido o talento político necessário para levar até o fim o seu mandato, mesmo faltando pouco tempo. Não sei.

A armação do golpe preparou com detalhes, ao que tudo indica, o estranhíssimo e trágico episódio ocorrido semanas antes, de uma ação policial de reintegração de posse numa grande propriedade de um ex-senador poderoso, na qual resultou a morte de dezenas de policiais e camponeses ocupantes, um verdadeiro massacre explorado ao máximo pela mídia paraguaia capitaneada pelo seu líder maior, dono de uma grande cadeia de jornais e emissoras de rádio e televisão, tal como existe no Brasil.

A resposta dos vizinhos, entretanto, foi pronta e apta a transformar o golpe num tiro no pé dos grupos corrupto-conservadores do país Guarani: além da condenação unânime e enfática de todos os países do Continente (UNASUL), decidiram pela suspensão do Paraguai no Mercosul e pela entrada imediata da Venezuela que, há tempos, havia sido aprovada pelos outros três membros e vinha sendo barrada precisamente pelo congresso golpista que derrubou o Presidente Lugo. Uma resposta tão ágil, inteligente e apropriada que surpreendeu e suscitou reações indignadas dos interesses mundiais maiores, tentando desfazer a decisão através do Congresso do Uruguai, país cujo Presidente Mujica foi um dos mais favoráveis à Venezuela na reunião de Mendoza. Pode ser até que consigam, explorando o fato de que o Uruguai ficaria sozinho como único país pequeno do bloco, sujeito a desconsiderações político-econômicas por parte dos maiores. Entendem-se perfeitamente a força e a grandeza das pressões anti-Venezuela: um bloco integrando economicamente o Brasil, a Venezuela e a Bolívia, constituiria a maior potência energética do mundo, num tempo em que a energia, cada vez mais, será o fator estratégico da economia e do poder, fator do qual os quatro maiores PIBs do planeta (EE UU, China, Japão e Alemanha) são carentes.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 216/2012

Destaque-se, na atitude do bloco sulamericano, a decisão sábia, influenciada pela Presidenta Dilma, de evitar qualquer tipo de sanção econômica ao Paraguai, como queriam alguns, e que findaria prejudicando o povo guarani, que nada teve a ver com o golpe.

Aliás, aprofundando um pouco o olhar sobre este episódio como um todo, a entrada da Venezuela no Mercosul fortaleceria enormemente a liderança do Brasil no continente, a ponto de colocar em cheque a dominação que, desde séculos, sempre foi exercida na América do Sul, como um tratamento dado ao quintal da América do Norte. Mudanças categóricas e históricas dessa alçada não se fazem sem grandes dificuldades. Basta observar a reação dos sócios brasileiros dessa dominação tradicional, que dispõem de páginas e páginas da nossa grande imprensa para esbravejar contra a Venezuela.

Aluta continua.

Atenção, um P.S. : só para dar vivas ao Rio do coração, patrimônio mundial pela paisagem cultural!

Tão merecidamente!

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br